

O Nordeste, excelente alternativa para a conversão de dívida

Josué Souto Major
Mussalém (*)



A conversão da dívida externa que está sendo iniciada no Brasil abre uma nova perspectiva para o fortalecimento das empresas nacionais aqui instaladas através de uma nova forma de capitalização. E tem também um fator preponderante no momento em que tal conversão rompe de certa forma com o xenofobismo político com que é tratado o capital estrangeiro nos últimos meses em nosso país, principalmente em alguns segmentos da Assembleia Nacional Constituinte.

Essa conversão tem assim, além de um caráter econômico, um outro de natureza política na medida em que permite a participação do capital estrangeiro nas empresas nacionais evidentemente dentro dos limites estabelecidos em nossa legislação.

É importante destacar que desde que se começou a divulgar a regulamentação dos leilões necessários aos investimentos dos dólares vinculados à dívida externa ocorreu um estranho silêncio por parte dos inimigos declarados dos investimentos estrangeiros em nosso país. Pouco antes disso, alguns membros representativos da chamada esquerda brasileira, sob a argumentação de defesa da soberania nacional, criticaram a decisão do governo brasileiro de abrir as portas ao capital estrangeiro através desse processo de conversão da dívida.

Trata-se evidentemente de um processo de contaminação que esteve acelerado nos últimos anos pela reserva de mercado do setor da informática e que ativou em todo o segmento dito nacionalista o vírus da desconfiança com relação ao capital estrangeiro. É evidente que os US\$ 186,5 milhões negociados na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro representam um percentual pequeno com relação à dívida externa global do Brasil, mas tem sua importância na medida em que o leilão possibilitou a conversão de tal valor e alcançou êxito absoluto.

Nesse cenário de conversão da dívida, o Nordeste pode ter uma excelente alternativa de capitalização

dos diversos empreendimentos existentes na região.

O impacto inicial do processo de conversão para o Nordeste evidentemente ainda não deverá produzir os efeitos necessários a uma modificação do perfil do investimento regional. Logicamente o investidor estrangeiro vai escolher com muito cuidado os projetos onde deverá aplicar os créditos que tem em nosso país. Mas já existe uma mobilização regional, seja da Sudene, seja dos empresários privados, no sentido de agilizar e facilitar essa conversão.

Para nossa região, o investimento que permita trazer para os projetos recursos da ordem de pelo menos US\$ 2 bilhões em quatro anos representa de fato um reforço ao orçamento do Fundo de Investimentos do Nordeste (Finor). E mais ainda. Sem a necessária decisão do governo de abrir mão da receita fiscal do Imposto de Renda para cobertura do Finor, o Finor tem sido insuficiente para atender à demanda por recursos aos inúmeros projetos e cartas-consulta existentes hoje na Sudene. Esse fato mostra que a região nordestina tem condições de absorver um volume razoável de investimentos capazes de alavancar um processo de

crescimento regional a médio prazo.

Para que se tenha uma idéia da capacidade de absorção de investimento por parte do Nordeste, basta dizer que o orçamento do Finor para 1988 foi fixado em CZ\$ 73 bilhões, cinco vezes mais do que o orçamento do mesmo fundo no ano passado. E esses recursos, como disse acima, são insuficientes para atender à demanda de investimento na região e representam, como se sabe, pouco mais de US\$ 593 milhões a um câmbio oficial de CZ\$ 123 por dólar.

É lógico que o governo autorizou apenas a conversão inicial da dívida de até US\$ 2 bilhões. Mas mesmo assim, se considerarmos que os recursos decorrentes da conversão contribuiriam para aumentar os investimentos no Nordeste, é possível que esta região conte com um investimento total, incluindo Finor e outros investimentos privados, da ordem de US\$ 1,5 bilhão. Nesse processo de conversão, a Sudene tem procurado orientar o empresariado regional para que o Nordeste absorva pelo menos a maior parte dos 50% do valor da conversão autorizados não só para esta região mas também para a região Norte, para o Vale do Jequitinhonha e para o Espírito Santo.

As informações iniciais sobre o interesse dos investidores estrangeiros em aplicar seus recursos no Nordeste indicam que os setores que mais interessam a tais investidores são aqueles vinculados a agro-indústria, alimentos, papel e celulose e principalmente a atividades produtivas voltadas para exportação.

Alguns fatores são importantes para que o Nordeste possa efetivamente captar a maior parte dos recursos oriundos do processo de conversão da dívida externa. São eles:

1. Efetiva mobilização da Sudene no sentido de orientar o empresariado regional sobre as formas e condições de absorção do capital estrangeiro em termos de conversão da dívida.

2. Criação de um sistema de informação coordenado também pela Sudene com objetivo de manter o Banco Central, a Comissão de Valores Mobiliários, as bolsas de valores do Rio de Janeiro e de São Paulo e as bolsas de valores do Nordeste devidamente informados e atualizados sobre os projetos e empreendimentos já em funcionamento na região nordestina.

3. Capacidade gerencial do grupo que lidera o empreendimento ou projeto no encaminhamento das negociações para o processo de

conversão da dívida externa.

4. Uma bem conduzida campanha promocional sobre a região nordestina dirigida aos investidores estrangeiros potenciais mostrando a tais investidores a real capacidade que tem a região nordestina de absorver recursos para os vários projetos aqui existentes.

Um outro aspecto que não deve ser desprezado é o da análise da capacidade que deve ter um aporte razoável, US\$ 1 bilhão por exemplo, de recursos da dívida externa em termos de geração de empregos diretos e indiretos na região nordestina. É evidente que para nós nordestinos o aporte de recursos de um valor tão alto interessa até mesmo para evitar problemas de capitalização do setor produtivo regional. Mas como estamos situados em uma região onde o desemprego estrutural se junta ao de natureza conjuntural para formar um desequilibrado processo de emprego e renda, torna-se importante fazer uma avaliação correta da correlação existente entre os novos investimentos provenientes do processo de conversão de nossa dívida externa e a geração de empregos no Nordeste.

Trata-se evidentemente de uma tarefa técnica da maior importância não só

pelos características já acima citadas da questão do emprego regional mas também porque nesta região existe uma grande economia informal que precisa ser trazida para o chamado setor formal de nossa economia.

Outro aspecto que também não pode ser desprezado é o fortalecimento da iniciativa privada em nosso país e evidentemente no Nordeste pelo reforço de capitalização que será trazido pela conversão da dívida externa em capital de risco. De fato, o nível de investimento na economia brasileira tem caído vertiginosamente nos últimos dois anos em função principalmente da indefinição do tratamento político que será dado a esse capital pela nova Constituição brasileira. Assim, a realização e efetivação da conversão da dívida externa, incluindo os débitos vencidos e vencendo que tem o nosso país com relação aos bancos privados internacionais, representa um forte argumento para aqueles que defendem, de forma inteligente, a participação do capital estrangeiro na economia nacional.

(*) Superintendente do Instituto de Informática da Fundação Joaquim Nabuco, do Recife, e membro do Conselho Diretor da Sucesu-Nacional.